

MAX LÂNIO GONZAGA JAIME - Médico

Tudo na vida passa. Eu não sou eterno e ninguém será eterno. Eu acho que o tempo deles [Adhemar e Onaide Santillo] se encerrou e é preciso que eles reconheçam isso

Henrique Morgantini e Marcos Vieira

Depois de se manter em silêncio por um longo período, o médico Max Lânio Gonzaga Jaime procurou essa semana a imprensa para comunicar a sua saída do PMDB. A sua desfiliação foi explicada através de uma carta enviada à presidente do partido em Anápolis, Onaide Santillo, e propagada por entrevistas a praticamente todos os veículos da cidade. Peemedebista histórico, Max Lânio já foi vereador, deputado e suplente de senador pelo partido, além de ocupar cargos em diferentes gestões. Hoje ele se mostra ape-

nas magoado com as decisões tomadas pelo casal Adhemar e Onaide Santillo, principalmente em relação à eleição de 2006. O médico diz que foi desprestigiado durante a campanha, no qual ele concorreu a uma vaga de deputado estadual, e aponta dois motivos, entre eles um temor do casal de que o seu sucesso eleitoral provavelmente o tornaria um potencial candidato do PMDB a prefeito. Max Lânio informa que leva com ele nomes importantes da legenda, diz que o tempo de Adhemar e Onaide como candidatos já passou e garante que não disputa mandato eletivo em 2008. Confirma os principais momentos da entrevista concedida na quarta-feira, dia 4.

“Eu me sinto traído pelo PMDB de Anápolis”

Por que o senhor deixou o PMDB?

Desde a minha primeira eleição em 1982, e em todos os cargos que ocupei, eu sempre estive dentro do PMDB. Além de vereador eu fui suplente de senador, ocupei o cargo em uma época muito importante, Henrique Santillo era o governador, e tivemos que enfrentar aquela questão do Césio 137. Lá no Senado eu auxiliiei o governador, que me municiou de dados para que fosse feita uma frente de trabalho para devolver a dignidade ao povo de Goiás, que estava sendo discriminado em todo País. Quando retornei assumi a Secretaria de Educação do governo Anapolino de Faria. No governo do Adhemar Santillo eu assumi a Secretaria de Cultura. Eu costumo dizer e é a pura verdade, que na qualidade de secretário eu transformei a cidade na capital cultural do Estado. A única vez que estive ausente do PMDB foi por ocasião da candidatura do Adhemar contra o Henrique Santillo. Estou fazendo esse relato para que as pessoas possam entender que além de peemedebista histórico eu fui santillista. A vida inteira acompanhei o PMDB e os Santillo. É tão patente essa minha fidelidade ao Santillo que na segunda campanha de Iris Rezende ao governo do Estado, eu fiquei de braços cruzados porque ele estava confrontado com o Henrique. Fora disso eu estive sempre fiel, companheiro e amigo do PMDB.

Baseado em todo esse histórico, o senhor se sente traído?

Sinto. Nas últimas eleições sim. Quando eu digo que estou saindo deixando portas abertas é porque deixo amigos. Essa questão é exclusivamente política. Não tem absolutamente nada no meu relacionamento social e pessoal com os companheiros do PMDB. Continuo convivendo fraternalmente com todos.

Sua saída não é ideológica. É questão de espaço?

Deixa-me explicar a história. Tudo começou quando na eleição do ano passado, em uma composição para o diretório, o Adhemar disse “vamos aqui estabelecer parâmetros para a nova campanha e a Onaide já é candidata à vice-governadora e eu preciso de alguém para ser candidato a deputado estadual”. Os membros do diretório em peso naquela ocasião indicaram meu nome. Primeira coisa que eu fiz foi dizer que ficava honrado, agradecido, já tinha ocupado muitos cargos dentro do PMDB por mérito próprio, e por essa razão gostaria de conversar com as lideranças



do partido. Conversar com o Iris Rezende, com Maguito Viçela e com o Adhemar Santillo. Todos eles concordaram. Eles disseram que eu era companheiro do partido e por isso poderia levar a empreitada adiante que teria o apoio. Ficou definido que a composição seria com um candidato da cidade. Por essa razão foi lançado o Wesley Silva como candidato a deputado federal. Eu senti que era um nome absolutamente inexpressivo no ponto de vista eleitoral. Não vou dizer nada no ponto de vista. Ele nunca disputou eleição, nunca concorreu a cargo e eu não sabia dizer na época qual seria o comportamento dele – e na prática ele provou que não somou nada. Tendo percebido isso, certa ocasião eu insinuei a possibilidade de fazer uma composição com candidatos competitivos, como é o caso da Dona Iris e o Fernando Netto, de Catalão. Quando eu comuniquei que gostaria de fazer essa composição, o Adhemar disse “de jeito nenhum, o nosso acordo é com candidato de Anápolis”. E a Onaide Santillo acenou com a possibilidade de retirar de mim o apoio do grupo que dava sustentação política a ela. O que ocorreu daí para diante: o meu compromisso foi cumprido. Trabalhei com o Wesley Silva e com o Romualdo Santillo, também candidato a deputado federal. Fizemos uma campanha em comum acordado, mas a contrapartida não aconteceu. Por que razão? Aí temos que estudar os motivos. Porque se eu fui fiel, abracei as candidaturas, por que membros influentes do diretório abraçaram a candidatura de gente de fora da cidade.

A que o senhor atribui

bui-isso?

Vamos chegar lá. Esses membros não apenas apoiaram membros de fora, como também de outros partidos. Adhemar sabia disso porque eu levei ao conhecimento dele. Isso foi feito em uma reunião pública, com os demais membros do diretório. E eu me senti desprestigiado. A que eu atribuo isso? Suposições. Se você quiser raciocinar em termos de hipóteses...

Pois não.

Porque na prática eu não posso comprovar nada. Suposições são duas. Omissão realmente do Adhemar como presidente do diretório. Ele viu a coisa acontecer e não tomou posição nenhuma. Porque ele disse a todos: “aquele que estiver contra o Max vão me ter pela frente”. Ficou no discurso, porque na prática ele não fez nada. Segunda hipótese: o meu sucesso eleitoral provavelmente me tornaria um potencial candidato do PMDB a prefeito.

O senhor acha que sua eleição para deputado estadual faria com que fosse uma nova referência do PMDB, ofuscando o clã...

Eu não diria ofuscar. E vou dizer qual a razão. Eu preciso reconhecer publicamente que Adhemar exerce uma liderança quase absoluta sobre grande parte do diretório. Grande parte do diretório obedece as decisões do Adhemar sem discutir. Alguns como eu, se rebelam. Então se eu poderia ser uma nova liderança, acho que sim. Com um mandato na mão certamente meu nome seria cogitado como possível candidato a prefeito. Isso é natural acontecer. Ou foi uma

omissão ou ele viu surgir uma liderança que pudesse ofuscar.

Qual foi o posicionamento do senhor em relação à eleição da Onaide Santillo como presidente do diretório?

Recebi um telefonema do Adhemar – aliás, foi o único que recebi depois das eleições. Porque nas vitórias e nas derrotas eu sempre estive presente. Nunca recebi um telefonema sequer de alguém se solidarizando comigo pelo insucesso em 2006. O único telefonema que recebi foi quando terminou o mandato do diretório, no qual eu fui vice-presidente, e o Adhemar disse “estou ligando para você porque vai haver uma renovação do diretório, eu vou te colocar como delegado da convenção regional”. Eu disse: “Adhemar, passa um apagador nisso aí, eu não quero nada, vou cuidar da minha vida pessoal”. Foi o único telefonema que ele deu. Então eu não participei dessa eleição que levou Onaide à presidência e não faço parte. E através de uma correspondência estou pedindo minha desfiliação.

Quando Adhemar Santillo telefonou ao senhor ele falou em “renovação”. O senhor acredita que essa palavra se encaixa ao novo diretório do PMDB?

Na verdade eu não me interessei pelo sentido da renovação que ele iria implementar ao partido.

O partido hoje está renovado?

Nem o diretório municipal, nem o estadual. O estadual é aquele pingue-pongue entre Maguito e Iris – não sai

disso. A única vez que houve um candidato fora dessa dupla foi com Henrique Santillo. Aqui em Anápolis é Adhemar-Onaide, Onaide-Adhemar. Eu reconheço a liderança que o Adhemar exerce em uma parte majoritária do diretório. Então eu não quis porque realmente não há espaço. Isso foi comprovado depois das eleições.

Adhemar e Onaide Santillo representam o que há de melhor em termos de candidatura dentro do PMDB?

Não representam. Mas devo reconhecer que prestaram um serviço inestimável ao PMDB e à cidade. Mas isso é passado. Tudo na vida passa. Eu não sou eterno e ninguém será eterno. Eu acho que o tempo deles se encerrou e é preciso que eles reconheçam. Eles podiam muito bem utilizar a competência de articuladores e conduzir o partido para uma nova oxigenação, a exemplo do doutor Anapolino de Faria. Trata-se de uma figura notável, muito respeitado, que não disputou mais eleições. Mas estava na hora do Adhemar e da Onaide tomarem a mesma postura. Quando o Adhemar falou em eleição do diretório a primeira coisa que ele disse era que a Onaide seria candidata. Eu disse: “tudo bem, mas eu não quero participar e estou fora”.

A sua saída do PMDB por falta de espaço significa a busca por uma legenda que dê sustentação para uma possível candidatura?

A minha saída tem como motivo a razão de que reconheço que exerço uma liderança em uma parcela do

diretório. Em elementos que como eu estão insatisfeitos. Pessoas que têm pretensões políticas e reconhecem que não tem como crescer. Mas eu tenho uma obrigação com esses companheiros. E ao sair nós todos, de uma maneira colegiada, vamos analisar e discutir o nosso futuro político. Nessas eleições eu não disputo eleição, mas quem sabe nas próximas eu esteja a postos. O partido que vamos filiar será decidido de maneira democrática e franca. E aquele que quiser disputar uma eleição em 2008 terá apoio do grupo.

O senhor leva algum vereador com o senhor?

Não. Eu falo por mim. Na minha correspondência eu conto minha história no partido e eu tenho certeza que após a repercussão pública desse ato... Já estou recebendo telefonemas de congratulações pela saída do PMDB. Tenho certeza que um grupo expressivo vai me acompanhar. Quando esse grupo for filiar ao novo partido eu vou nominar.

Quem já ligou para o senhor?

Eu não tenho autorização para dizer, mas é pessoa de proa do PMDB.

Frederico Jayme Filho?

Esse eu posso dizer porque ele já tornou pública a postura dele. O Frederico me ligou. Os outros não me autorizaram. O Frederico me ligou e falou que publicou artigos contra o Iris Rezende no Diário da Manhã e se for preciso, ele volta a publicar. Ele disse que sabia que eu sairia do PMDB e que o primeiro tempo era esse mesmo. Disse que em uma nova filiação iria conversar comigo para ver se formava um grupo forte e coeso.

O senhor já teve convite de quantos partidos?

Até o presente momento três partidos já me procuraram. Tenho até setembro para decidir com meus companheiros qual deles vamos escolher.

Qual o posicionamento do grupo liderado pelo senhor em relação à administração municipal?

A nossa visão é a da própria população. Temos que separar a pessoa Pedro Sahium do prefeito. Sahium é uma pessoa culta, inteligente e acredito profundamente em sua honestidade. Como pessoa ele é inatacável, mas como político tem sido um caos. Porque ele é mal assessorado ou ele não tem competência administrativa para a coisa pública. Mas ele é uma pessoa fantástica.